



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

O PAPEL DA RESIDÊNCIA SECUNDÁRIA NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA PERIFERIA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: O CASO DE ILHA DE GUARATIBA

THE ROLE OF SECONDARY RESIDENCE IN THE PROCESS OF URBANIZATION OF THE PERIPHERY OF THE CITY OF RIO DE JANEIRO: THE CASE OF ILHA DE GUARATIBA

Marcio Luis Fernandes ¹

RESUMO: Ilha de Guaratiba é um lugar que pode ser utilizado como exemplo para traduzir o processo de expansão do Rio de Janeiro. A porção periférica da cidade passa, atualmente, por uma verdadeira marcha urbanizadora, uma vez que sua pretérita configuração rural-agrícola vem sendo substituída pela hodierna tendência urbano-residencial. Focalizando o papel da residência secundária na consolidação do fenômeno responsável por uma nova dinâmica espacial em áreas periurbanas que outrora eram marcadas por atividades tipicamente rurais, o presente texto tem por objetivo abordar o processo de urbanização da periferia metropolitana. Utilizando as categorias comumente aplicadas à análise do espaço intra-urbano – quais sejam estrutura, processo, função e forma – aplicaremos a presente temática à realidade espacial da área periurbana do Rio de Janeiro conhecida como Ilha de Guaratiba.

PALAVRAS-CHAVE: Segunda residência; Urbanização; Ilha de Guaratiba.

ABSTRACT: Ilha de Guaratiba is a neighborhood that can be used as an example to explain the process of expansion of Rio de Janeiro. Currently this peripheral part of the city has been going through an intense process of urbanization, as its past configuration of a rural and agricultural place has been being substituted by the new urban and residential tendency. Focusing on the role of secondary residence in the consolidation of the phenomenon that is responsible for a new spatial dynamic in periurban areas which were typically known for the rural activities that used to take place in them in the past, this text aims to discuss the process of urbanization of the metropolitan periphery. Through the categories that are usually applied to the analysis of intra urban space – which are structure, process, function and form – this thematic will be presented to the spatial reality of the periurban area of Rio de Janeiro known as Ilha de Guaratiba.

KEY WORDS: Second residence; Urbanization; Ilha de Guaratiba.

INTRODUÇÃO

Logo nas primeiras linhas de seu livro “A Revolução Urbana”, Lefebvre (1999) propõe a hipótese da urbanização completa da sociedade, premissa engendradora também por outros pesquisadores preocupados em abordar o fenômeno da metropolização do espaço (LENCIONE, 2003) e sua capitalização e transformação em mercadoria (DAMIANI, 2003). Neste contexto, podemos afirmar que o processo da segunda habitação



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

decorreu da acelerada urbanização associado à emergência de uma sociedade urbano-industrial. Nas palavras de Ribeiro e Coelho (2007, p.4):

O novo modelo de desenvolvimento do país passa a vincular-se historicamente à expansão de grandes aglomerações metropolitanas que refletem no espaço a concentração de população e recursos. A modernização capitalista nesses espaços está associada às transformações significativas que permitiram a expansão do processo de segunda habitação, no qual a metrópole do Rio de Janeiro constituiu-se em exemplo significativo... A difusão e ampliação das áreas residenciais têm-se constituído em um dos processos básicos da urbanização, principalmente no entorno das metrópoles...

Por meio da análise do processo de urbanização do Rio de Janeiro, percebemos de forma emblemática a atuação do capital especulativo imobiliário no processo de produção de moradia, sendo este um dos grandes responsáveis pelo espraiamento da malha urbana carioca (ABREU, 2008; RIBEIRO, 1997). Neste contexto, como nos aponta Ribeiro e Coelho (2007), o surgimento das novas formas de morar dirigidas pelo capital imobiliário às classes de maior poder aquisitivo, pela sua amplitude no meio urbano, tem contribuído para a reestruturação espacial e expansão das metrópoles. Como exemplos materializados espacialmente podemos citar os condomínios residenciais. Essa lógica, comum no processo de produção do espaço urbano, no entanto, muitas vezes inicia-se a partir do processo de aquisição de residências secundárias pelas classes privilegiadas economicamente, como nos aponta Assis (2003) para um contexto geral e Fernandes (2003; 2006; 2009; 2010; 2014) para um contexto específico, baseando-se no processo de urbanização da porção periférica do Rio de Janeiro, conhecida como Ilha de Guaratiba.

Ao discorrer sobre a urbanização brasileira, Milton Santos (2005, p.102) salienta que a concentração metropolitana foi a grande responsável pelo processo de “dissolução da metrópole”, isto é, a nova faceta da metropolização, expandindo no território segmentos de sua dinâmica de apropriação de recursos e produção social:

Hoje, a metrópole está presente em toda parte, no mesmo momento, instantaneamente. Antes, a metrópole não apenas não chegava ao mesmo tempo em todos os lugares, como a descentralização era diacrônica: hoje, a instantaneidade é socialmente sincrônica. Trata-se, assim, de verdadeira “dissolução da metrópole”, condição, aliás, do funcionamento da sociedade econômica e da sociedade política.



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Ao propagar a funcionalidade normatizada das esferas econômica e política da sociedade, o processo de “dissolução da metrópole” irradia também “urbanidades contrastantes”, uma vez que – na quase totalidade dos casos – implica também em uma nova dinâmica espacial derivada da especulação imobiliária que cria e incorpora novas áreas (sub)urbanas.

Remetendo-nos ainda à premissa do constante processo de evolução do tecido urbano, nos reportamos à tese lefebvrea de que a urbanização das antigas áreas rurais é oriunda da hiper-concentração metropolitana, levando a um deslocamento de pessoas e de atividades produtivas para as periferias distantes. Ao aludir sobre o processo de implosão-explosão, Lefebvre (1999; 2001; 2008) nos sugere que a urbanização – juntamente com a urbanidade – é irradiada do centro para a periferia devido à saturação metropolitana:

O tecido urbano prolifera, estende-se, corrói os resíduos de vida agrária. Estas palavras, “o tecido urbano”, não designam, de maneira restrita, o domínio edificado nas cidades, mas o conjunto das manifestações do domínio da cidade sobre o campo. Nessa acepção, uma segunda residência, uma rodovia, um supermercado em pleno campo, fazem parte do tecido urbano... A grande cidade explodiu, dando lugar aos subúrbios... A sociedade urbana está em gestação (LEFEBVRE, 1999, P.15).

O processo de implosão-explosão explica a irradiação de urbanidades a partir do processo de fragmentação da metrópole por meio da (sub)urbanização das áreas periféricas, sendo ampla e complexa a rede de agentes responsáveis por esse processo que envolve mudanças estruturais, formais e funcionais no espaço periurbano: os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado, outros incorporadores etc. (CORRÊA, 2000; RIBEIRO, 1997).

No processo de transformação da terra rural-agrícola em urbano-residencial, em alguns casos, os proprietários fundiários acumulam a função de especuladores, uma vez que passam a agir como legítimos empreendedores urbanos. Para tal, os mesmos utilizam uma prática muito comum no espaço “periurbano” – uma espécie de “maquiagem paisagística” – desvendada por Marcelo Lopes de Souza (2005, p.27-28):

Na franja rural-urbana, muitas vezes a face visível do espaço (a paisagem) continua tendo um aspecto “rural”, as vezes até belamente bucólico – algumas plantações, muito verde, grandes espaços servindo de pastagens para algumas cabeças de gado – quando, na verdade, por traz disso se verifica uma presença insidiosa e cada vez



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

mais forte da “lógica” urbana de uso do solo. Grandes áreas servindo de pastagens para umas tantas cabeças de gado, por exemplo, nada mais são, freqüentemente, que uma “maquiagem” para glebas mantidas como reserva de valor por empreendedores urbanos; são, assim, terras de especulação, “em pousio social”, por assim dizer, e que serão convertidas, depois de muitos anos ou mesmo após algumas décadas, em loteamentos populares ou condomínios fechados, dependendo de sua localização. Nem tudo aquilo que parece ser, por conseguinte, de fato é, em matéria de espaço periurbano.

No caso específico do processo de produção/transformação do espaço de Ilha de Guaratiba, é notória a prática especulativa citada acima, uma vez que os proprietários fundiários estão interessados em mudar a função de suas terras, uma vez que, até a década de 1990, as mesmas eram utilizadas em atividades agrícolas e à partir de então metamorfosearam-se em área residencial. Isso posto nos induz a pensar neste outrora espaço agrícola como uma nova reserva fundiária para a atuação do capital imobiliário. Com isso, prevemos, através do processo de mudança em voga, uma verdadeira metamorfose espacial nesta localidade, processo este que teve a sua gênese a partir do fenômeno da segunda residência.

Esse texto tem por objetivo propor um debate sobre o processo de urbanização da periferia metropolitana, focalizando o papel da residência secundária na consolidação do fenômeno responsável por uma nova dinâmica espacial nas áreas que outrora eram marcadas por atividades tipicamente rurais. Diante do exposto por nós e por nossos interlocutores nessas palavras iniciais, pretendemos abordar o processo de urbanização a partir do fenômeno da segunda residência aplicando a temática ora proposta à realidade sócio-espacial da porção periférica da cidade do Rio de Janeiro conhecida como Ilha de Guaratiba. Com esse fim, utilizaremos as categorias comumente aplicadas à análise do espaço intra-urbano: estrutura, processo, função e forma (LEFEBVRE, 1991; 2001; TRINDADE JR. 1996; SANTOS, 1992).

ESTRUTURA, PROCESSO, FUNÇÃO E FORMA

Segundo a abordagem de Milton Santos (1992), a forma é o aspecto visível de uma determinada coisa. Apesar de serem governadas pelo presente, as formas contêm também um pouco do passado, uma vez que surgem dotadas de certos contornos e finalidades historicamente contextualizadas. A função, por sua vez, é a atividade elementar de que a forma espacial se reveste. Sugere, portanto, uma tarefa ou atividade esperada

Revista Discente Expressões Geográficas – www.geograficas.cfh.ufsc.br

Edição nº 10 (ano X). Florianópolis, Dezembro de 2015.



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

de uma forma. A relação entre as duas é direta, uma vez que uma não existe sem a outra. As funções estão materializadas nas formas e estas últimas são criadas a partir de uma ou de várias funções. A forma e a função não podem estar dissociadas de um outro elemento de significativa importância na organização do espaço: a estrutura. Esta, nada mais é do que a inter-relação das diversas partes que compõem o todo social. Nesse sentido, é imprescindível que se compreenda a estrutura social de cada período histórico para que se entenda as transformações. Como parte inerente ao formalismo, ao funcionalismo e ao estruturalismo, o processo é a ação contínua que se desenvolve rumo a um resultado qualquer, por isso, envolve conceitos de tempo, continuidade e mudança. Assim sendo, o tempo é considerado como processo e indica o movimento do passado ao presente e deste em direção ao futuro, tornando-se uma propriedade entre forma, função e estrutura (TRINDADE JR., 1996).

Em sua tentativa de definir cada uma das categorias mensuradas, utilizadas na análise sócio espacial, Santos (1992) enfatiza de maneira exaustiva a inseparabilidade desses conceitos, salientando que somente o uso simultâneo das quatro categorias – estrutura, processo, função e forma – nos permitirá apreender a totalidade em seu movimento, uma vez que nenhuma das citadas categorias analíticas existe separadamente. A preocupação com uma análise espacial que privilegie a totalidade (ou o todo social) também é compartilhado por Lefebvre (1991; 2001), quando argumenta que função, forma e estrutura não podem ser analisados separadamente. Lefebvre salienta que a separação de uma sociedade em partes implica na perda do “todo”. Por entender que o tempo está intrínseco nas relações espaciais, Lefebvre, diferentemente de Santos, não lança mão do processo como uma categoria analítica.

Por representar a ação contínua que se desenvolve rumo a um resultado qualquer, o processo, como já dissemos, envolve conceitos de tempo, continuidade e mudança: tempo porque todo e qualquer processo insere-se em uma determinada temporalidade onde se desenvolve dentro de uma dada estrutura até começar a tomar forma no espaço; continuidade porque o processo é o eterno devir, ou seja, quando um dado evento é interrompido, ele não deixa de representar um processo, pois assim como um evento é causa de um outro evento, só a totalidade em movimento (processo) cria novos eventos (SANTOS, 2002). O resultado de todo e qualquer processo é a sua materialização no espaço, representando mudança de função das formas espaciais. Nesse sentido, as novas formas produzem também novas funções, mudando a estrutura do lugar e provocando no mesmo uma nova dinâmica espacial.



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Passíveis de uma datação, as diversas formas que compõem o espaço são também suscetíveis de ser suprimidas. Essas mutações podem ocorrer por motivos estruturais ou funcionais, mas representam sempre uma resposta do espaço e de sua organização à dinâmica da sociedade. A mudança estrutural mantém íntima ligação com as formas. Quando velhas formas são alteradas para uma adequação às novas funções, significa dizer que a organização espacial existente não atende de maneira tão eficaz à dinâmica social de um novo momento histórico. Alteram-se, portanto, as formas e o uso do solo, conduzindo o espaço a se adequar ao movimento que lhe concede dinamismo (TRINDADE JR., 1996).

Segundo Milton Santos (2002), os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características. Essa mudança, apesar de materializar-se no espaço, não ocorre de imediato. Sendo assim, um determinado tempo é necessário para que os eventos ocorram e produzam as mudanças estruturais, funcionais e também nas formas espaciais.

Sendo o espaço a expressão territorializada da sociedade, o maior ou o menor acesso a certos padrões de consumo ocorre, em grande parte, pela segregação no espaço das diversas classes ou frações de classe. Isso se verifica basicamente em decorrência da capacidade diferencial que cada grupo social tem de pagar pela residência que ocupa, cuja característica é definida não só pelo tipo-qualidade, mas – igualmente – pela localização. A segregação residencial, comumente exemplificada pelos condomínios fechados, não se caracteriza, portanto, apenas pelo tipo de residência, mas também por sua localização, sendo que essa escolha depende de um diferencial financeiro que permite a aquisição de um espaço valorizado por esse estrato social privilegiado que pode optar por sua auto segregação residencial (TRINDADE JR., 1996; FERNANDES, 2003; 2006 2009; 2010; 2014).

Muitos são os mecanismos que conduzem a um processo de mudança do uso do solo e das formas espaciais. Como parte do processo de produção do espaço urbano, os agentes produtores desse espaço promovem mudanças no seu uso. Com isso, novos espaços residenciais são produzidos nas periferias distantes com amenidades, espaços esses – como já dissemos – destinados às classes que podem pagar por esse padrão residencial. Participam decisivamente do processo de consolidação dessas periferias enobrecidas os proprietários fundiários e o capital imobiliário. A partir desse processo de mudança funcional, toda a porção espacial sobre a qual incide esse evento passa também por uma mudança estrutural que, com o passar de

**EXPRESSÕES****GEOGRÁFICAS****REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC**www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

um tempo determinado, modifica também suas formas, desencadeando-se uma verdadeira metamorfose espacial. Objetivando aplicar esta temática a uma realidade espacial, em seguida, estaremos discorrendo sobre o processo de mudança de função que se delinea em Ilha de Guaratiba, evento este responsável por uma mudança estrutural do lugar em questão.

O PROCESSO DE MUDANÇA EM ILHA DE GUARATIBA E A SUA DINÂMICA ESPACIAL

Ilha de Guaratiba, porção periurbana da zona oeste do município do Rio de Janeiro (vide ilustrações 1 e 2), vem passando por mudanças consideráveis em sua área, principalmente a partir das duas últimas décadas, no que tange a especulação imobiliária e o conseqüente surgimento de vários condomínios horizontais na configuração espacial representada pela porção leste da baixada de Guaratiba.

O local bucólico, visitado esporadicamente por proprietários de residências secundárias – tradicional produtor agrícola – passa por um constante processo de valorização fundiária/imobiliária e por um aumento considerável em sua população residente.

A localidade em tela, há anos é apresentada como o mais provável alvo sobre o qual incidirá o volátil capital especulativo imobiliário. Muitos especialistas no assunto apontam que a cidade do Rio de Janeiro crescerá em direção a Guaratiba (LESSA, 2001).



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES



FIGURA 1 – Ilha de Guaratiba integra a Região Administrativa de Guaratiba (26), na zona oeste do município do Rio de Janeiro. Por ser um bairro não reconhecido pela prefeitura, não há um mapa oficial do referido lugar. (<http://www.processamentodigital.com.br>).

Representada por uma área de baixada, cercada em grande parte pelo maciço da Pedra Branca (Serra Geral de Guaratiba), o lugar tem como principais marcas sua belíssima paisagem natural e a tranquilidade típica de um local que – de certo modo – parou no tempo.

A toponímia originou-se por corruptela do nome do inglês Willian que, vindo em meio a comitiva de D. João VI em 1808, apropriou-se de boa parte das terras da área em questão. Como os antigos caiçaras, seus contemporâneos, não se esmeravam em pronunciar corretamente o seu nome, passaram a chamá-lo de



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Senhor Wilha de Guaratiba, Senhor Ilha de Guaratiba e, por fim, Ilha de Guaratiba – em alusão ao inglês Willian, antigo proprietário das terras do lugar (LESSA, 2001). Já o topônimo Guaratiba – bem mais antigo – deriva do grande número de aves pernaltas que povoavam a localidade – os guarás. Como “tiba”, em Tupi-Guarani, equivale à abundância, etimologicamente, Guaratiba significa “abundância de guarás” (FERNANDES, 2012; 2015).

Devido ao seu passado agrícola, o local caracterizou-se como um dos últimos remanescentes “rurais” do município do Rio de Janeiro. A habilidade do Guaratibano no trato com a terra fez de Ilha de Guaratiba, durante décadas, um verdadeiro “cinturão verde” (grande produtor de hortaliças, frutas e verduras), cuja produção era vendida principalmente nas feiras-livres espalhadas pela cidade. Em Ilha de Guaratiba, o dia do descanso semanal era a segunda-feira, pois no domingo, o dia era de feira (FERNANDES, 2003; 2006; 2010).

Com a decadência das feiras-livres a partir da década de 1980 – devido ao advento dos supermercados (MASCARENHAS, 1991) e “sacolões” (FERNANDES, 2006; 2010) – a produção de alimentos na localidade também decaiu. O declínio da atividade agrícola, ao forçar os antigos produtores-feirantes a buscarem uma nova alternativa para sua sobrevivência, detonou um processo de mudança de valores da terra, uma vez que o seu outrora valor de uso (agrícola) aos poucos foi sendo substituído pelo valor de troca (imobiliário), dando início a uma mudança de função das mesmas.

Muitos dos antigos agricultores optaram por vender boa parte de suas terras, que perdendo seu valor de uso e sua anterior função agrícola, passaram a representar uma espécie de reserva de valor fundiário-imobiliário (valor de troca), estando agora comprometidas com uma nova estrutura produtiva, relacionada à função residencial. Outros, por sua vez, passaram a especular sobre as terras na busca por sua valorização, acumulando as funções de proprietários fundiários e especuladores imobiliários. Por fim, outros produtores mudaram apenas de ramo, passando a produzir e comercializar plantas ornamentais nas terras que antes produziam alimentos. Apesar de manter a função primeira da terra, a produção de ornamentais, no entanto, está comprometida com uma nova estrutura que se delineia na localidade, relacionada ao mercado imobiliário, uma vez que sua principal função é suprir a demanda crescente dos condomínios e construtoras que têm no “paisagismo fetiche” uma de suas estratégias para a transformação da terra em mercadoria.



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

Desse momento em diante, em Ilha de Guaratiba, pode-se dizer que por meio de novas relações (capitalistas), a terra transforma-se em mercadoria (GOTTDIENER, 1997), passando a ser negociada no mercado imobiliário (LEFEBVRE, 2008). O outrora espaço agrícola começa a tomar novos contornos, tornando-se residencial. O antigo “espaço rural” começa então a tomar foros de urbano. Como parte do processo de produção do espaço urbano, os agentes (imobiliários) precisam antes promover uma mudança de valores na terra, que perde sua função produtiva (qualitativa), transformando-se – ela mesma – em mercadoria, passando a ter um valor apenas monetário (quantitativo). Esta é uma das formas em que novos espaços de moradia são produzidos nas periferias distantes com amenidades, espaços estes destinados às classes que podem pagar por este padrão residencial. Assim inicia-se o processo de mudança que provoca uma verdadeira metamorfose no espaço de Ilha de Guaratiba. Sua antiga estrutura rural-agrícola, aos poucos, vai sendo substituída por uma nova estrutura urbano-residencial, mudando a função de suas terras e criando novas formas espaciais.

Ao discorrer sobre a urbanização da sociedade, vale repetir, Lefebvre (1999), focaliza a maneira como o subúrbio transforma-se em tecido urbano. Para ele, uma segunda residência em pleno campo, transforma essa área rural em área (sub)urbana. A partir daí, o tecido urbano prolifera, estende-se e corrói os resíduos de vida agrária. A abordagem lefebvreana em torno do processo de urbanização da periferia metropolitana elucida a eclosão deste evento em Ilha de Guaratiba, uma vez que podemos perceber a importância da residência secundária na gênese da transformação em voga. A partir do fenômeno da segunda habitação, o processo de urbanização de Ilha de Guaratiba já estava em gestação.

O PAPEL DA RESIDÊNCIA SECUNDÁRIA NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DA PERIFERIA METROPOLITANA: O CASO DE ILHA DE GUARATIBA.

Em sua análise sobre as repercussões sócio-espaciais do fenômeno da segunda residência, Assis (2003) salienta que com a industrialização e a metropolização das cidades, cada vez mais se fazia necessário que o homem urbano saísse das áreas centrais superpovoadas em direção às periferias metropolitanas na busca do reencontro com a natureza. Esta era uma forma de aliviar os estresses cotidianos e renovar suas energias. A cidade, que outrora fora o centro de atração das habitações e do homem do campo em busca de trabalho, agora, apesar de concentrar diversas funções, “expulsa” seus moradores por não lhes oferecer condições

Revista Discente Expressões Geográficas – www.geograficas.cfh.ufsc.br

Edição nº 10 (ano X). Florianópolis, Dezembro de 2015.



EXPRESSÕES GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

necessárias para uso do tempo livre em contato com a natureza. Assim sendo, devido à proximidade das áreas centrais, as periferias metropolitanas passaram a ser os principais alvos dos especuladores imobiliários que procuravam valorizar os atributos naturais e culturais desses espaços, ofertando-os aos segmentos sociais específicos que dispunham de renda excedente para adquirir uma residência secundária. Ao citar a busca da natureza como aspiração da sociedade contemporânea, Assis – por meio de uma análise marxista – conclui que, no desenrolar desse processo, a natureza é transformada em mercadoria fetichizada, uma vez que leva à criação do “natural-urbano”.

Ao comungar com Lefebvre, Assis (2003) propõe que o fenômeno da segunda residência – como resultado da lógica capitalista de produção do espaço – é um dos responsáveis pelo processo de urbanização da periferia, uma vez que esse capital “transborda” para as áreas periféricas, materializando-se por meio de imóveis que representam também uma reserva de valor imobiliário. Ao pressupor a disponibilidade de uma renda excedente, a residência secundária deixa de ser apenas uma alternativa de lazer, passando a ser também uma opção de investimento. A partir do momento em que a segunda habitação passa a agregar também um valor de troca, entra em cena o maior responsável pela transformação do espaço periurbano: o especulador imobiliário. Este, por meio de propagandas insidiosas, tem por objetivo a transformação dos atributos naturais e das amenidades da periferia metropolitana em produto, como podemos ver abaixo em relação à especulação imobiliária em Ilha de Guaratiba:

Enfim, chegou sua vez de viver no paraíso! Aqui na Terra mesmo. Gambás e preás aos montes atravessam desconfiados o asfalto. Bois caminham sem pressa, em fila indiana, rumo aos pastos. Sagüis em penca fazem macaquices nos galhos das árvores. Garças e patos selvagens, em sua leveza, desenvolvem coreografias cênicas sobre lagos e córregos em vôos espetaculares. Assim é a vida por aqui. Parece que o tempo parou. É sem dúvida o novo Recreio! A diferença é que aqui você ainda negocia com caipiras decentes a preços baixos. Mini-sítios para você morar junto ao bom e ao melhor, “longe e perto” de áreas caras e saturadas (FERNANDES, 2006, p.42)

Na citação acima, extraída de um folder publicitário (J. Brandão Negócios Imobiliários), o que mais nos chama a atenção é a ênfase conferida aos atributos naturais do lugar, onde Ilha de Guaratiba é “vendida” como um verdadeiro “paraíso”, perdido em meio à metrópole carioca. Esta propaganda imobiliária do início dos anos



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

1980, revela o início de uma prática muito comum nos dias atuais, mas com uma diferença bastante significativa: o “romantismo” que o citado anúncio nos tenta passar justifica-se pela conjuntura do lugar naquele momento. Na realidade, Ilha de Guaratiba até essa época não passava de uma localidade caracterizada pelas atividades rurais – pautadas, principalmente, na agricultura – e pelos muitos sítios que eram visitados por seus proprietários nos momentos de lazer. Era o típico fim-de-semana na “roça”. Ou seja, esse tipo de anúncio tinha como público alvo pessoas interessadas em adquirir uma área relativamente grande e em construir uma residência nesses sítios que, na maioria dos casos, tornava-se uma habitação secundária. No entanto, a partir do início dos anos 1990, novas agências imobiliárias começam a oferecer às camadas privilegiadas economicamente um produto diferenciado em relação ao oferecido por seus precursores: as habitações secundárias, aos poucos, começam a dar lugar aos condomínios onde a habitação passa a ser permanente.

Em Santos (2008), o que o lugar é em um determinado momento sempre constitui o resultado de ações de diversos elementos que ocorrem em diferentes níveis. Esses, são variáveis, pois mudam de significação através do tempo. O que Ilha de Guaratiba era até a década de 1980 constituía-se, basicamente, da interação de um elemento interno (sua aptidão natural e agrícola) com um elemento externo que se internalizou (as residências secundárias e os fluxos sazonais por ela gerados). Dava-se então a interação entre dois níveis: um de ordem local com outro de ordem extra-local. A variação do elemento de nível extra-local, representado pela produção de moradias permanentes (além das de fim-de-semana), ao intensificar-se a partir da década de 1990, modificou drasticamente a estrutura do elemento de nível local, sendo representativo nesse processo de mudança espacial o advento dos condomínios residenciais. Acerca da relação entre o externo e o interno, Milton Santos (2008, p.104-105) nos propõe que:

O interno é tudo o que, num momento dado, está já presente num lugar determinado. No interno, as variáveis têm a mesma dimensão do lugar, as dimensões se superpõem delimitadas pelo lugar. O interno é aquilo que, num momento dado, aparece como local. A escala do lugar confunde-se com sua própria existência. Mas as variáveis que formam uma situação são freqüentemente extralocais, portanto mais amplas que o lugar... O externo é tudo isso cuja sede é fora do lugar e tem uma escala de ação maior do que o lugar, muito embora incida sobre ele. Cada lugar tem, pois, variáveis internas e externas. A organização da vida em qualquer parte do território depende da imbricação desses fatores. As variáveis externas se internalizam, incorporando-se à escala local. Até o momento em que



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

impactam sobre o lugar são externas, mas o processo de espacialização é, também, um processo de internalização.

A mudança de função pressupõe um processo de transformação de determinada estrutura que – desfeita ou refeita – modifica também a forma de um dado elemento ou lugar. No caso específico de Ilha de Guaratiba, a desarticulação da estrutura rural-agrícola, anterior ao processo de consolidação do lugar como reserva de valor imobiliário, desencadeou um processo de transformação sócio-espacial que vem mudando sua feição espacial. Em Santos (2008) cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um local onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. No lugar estudado, percebemos a existência de elementos representativos de fases anteriores ao processo de mudança em questão que ainda resistem em meio às inovações. Como exemplos, podemos citar alguns resquícios das atividades rurais do passado (agricultura e pecuária leiteira) e a persistência de muitos sítios que ainda são utilizados como opção de lazer nas férias e nos finais de semana (segunda residência). Entendendo o processo como uma ação contínua que implica continuidade e mudança (SANTOS, 1992), pressupomos que o evento por nós abordado refere-se apenas ao início de uma grande metamorfose espacial pela qual há de passar Ilha de Guaratiba nos próximos anos. Apesar de não representar grandes mudanças na forma (aparência) do lugar, os inúmeros sítios utilizados como residências secundárias formaram o embrião de todo esse processo de mudança que pode ser percebido por meio do vislumbre dos muitos condomínios residenciais que hoje compõem a paisagem do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, em Ilha de Guaratiba, é cada vez maior o número de pessoas que optam por residir em suas antigas residências secundárias. Além disso, muitas famílias (oriundas sobretudo do eixo Recreio-Barra-Zona Sul) têm encontrado no lugar, uma qualidade de vida satisfatória, considerando-se suas vantagens comparativas (disponibilidade de terra, atributos da paisagem, ínfimos índices de criminalidade...). Esses últimos, no entanto, representam uma nova modalidade de residentes: aqueles que optam pelos condomínios horizontais.



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

O Rio de Janeiro, como se sabe, cresceu em diversos eixos. Sendo assim, desde os primeiros séculos de colonização os aterros contribuíram para a construção do espaço urbano carioca. Com o crescimento da cidade, houve a necessidade de rompimento das elevações com a perfuração de túneis desde 1887. Mais recentemente, nas últimas décadas, a Barra da Tijuca e o Recreio dos Bandeirantes ganharam expressão em meio ao espraiamento do tecido urbano carioca. Podemos asseverar então que o Rio de Janeiro cresce em direção à planície de Guaratiba em meio a um crescente processo de especulação imobiliária – que começando a partir da exploração do fenômeno da segunda residência – hodiernamente evoluiu para a divulgação do lugar como a mais nova opção de moradia para um público específico que busca os atributos destacados ao longo desse texto. Sintetizando, o processo em voga integra Ilha de Guaratiba, definitivamente, à malha urbana carioca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de Almeida. *A Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP, 2008.
- ASSIS, Lenilton Francisco de. *Turismo de Segunda Residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica*. In: *Revista Território*. Rio de Janeiro: set/out, 2003.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 2000.
- DAMIANI, Amélia Luisa. *O Urbano no Mundo da Mercadoria*. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraines (orgs). *Dilemas Urbanos: Novas Abordagens sobre a Cidade*. São Paulo: Contexto, 2003.
- FERNANDES, Marcio Luis. *Ilha de Guaratiba: De Espaço a Lugar*. 2003. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos: Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *A Valorização do “Espaço” produzindo a valoração do “Lugar:” O caso de Ilha de Guaratiba – R.J.* 56 f. Monografia (Especialização em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- _____. *Por uma Necessária Mudança de Valores: uma proposta para a produção de um espaço (urbano) que privilegie o uso e não a troca*. In: *SIMPÓSIO NACIONAL O RURAL E O URBANO NO BRASIL, 2*, 2009. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2009.
- _____. *Decodificando geografias pretéritas e hodiernas de Ilha de Guaratiba (Dissertação de mestrado)*. Rio de Janeiro: PPGEU/UERJ, 2010. 99 f.



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

_____. O Caráter Identitário da Toponímia. In: Congresso Internacional do Núcleo de Estudo das Américas, 3, 2012. Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

_____. Corrida à Zona Oeste. In: Jornal O DIA (coluna opinião). Primeira edição. Rio de Janeiro: 22 de novembro de 2014. p. 14.

_____. Descortinando o universo simbólico de um lugar. In: Revista Perspectiva Geográfica. V.9, n.11. Cascavel: UNIOESTE, 2015.

GOTTDIENER, Mark. A Produção Social do Espaço Urbano. São Paulo: EDUSP, 1997.

LEFEBVRE, Henri. A Vida Cotidiana no Mundo Moderno. São Paulo: Ática, 1991.

_____. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. O Direito à Cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. Espaço e Política. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LENCIONE, Sandra. Uma nova determinação do urbano: o desenvolvimento do processo de metropolização do espaço. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs). Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

LESSA, Carlos. O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MASCARENHAS, Gilmar. O Lugar da Feira-Livre na grande Cidade Capitalista: Conflito, Mudança e Persistência (Rio de Janeiro: 1964-1989). Dissertação de mestrado em geografia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

RIBEIRO, Miguel Ângelo; COELHO, Maria do Socorro Alves. A importância do fenômeno da segunda habitação e suas implicações com a atividade de lazer-veraneio: o exemplo do Estado do Rio de Janeiro. CD-ROM da ANPEGE, 2007.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1992.

_____. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. A Urbanização Brasileira. São Paulo: EDUSP, 2005.

_____. Metamorfoses do Espaço Habitado. São Paulo: EDUSP, 2008.

SOUZA, Marcelo Lopes de. ABC do Desenvolvimento Urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.



EXPRESSÕES

GEOGRÁFICAS

REVISTA ELETRÔNICA DOS ESTUDANTES DE GEOGRAFIA DA UFSC

www.geograficas.cfh.ufsc.br ISSN 1980-4148 - Web Qualis/CAPES

TRINDADE JR., Sant-Clair Cordeiro da. Estrutura, Processo, Função e Forma: aplicabilidade à análise do espaço intra-urbano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). Ensaio de Geografia Contemporânea – Milton Santos: obra revisada. São Paulo: Hucitec, 1996.

<http://www.processamentodigital.com.br>